



Pentecostalismo na Assembleia de Deus: racismo e seus desdobramentos na vida cotidiana dos negros no Brasil

Pentecostalism in the Assemblies of God: racism and its consequences in the daily life of Black People in Brazil

Beatriz Roberta Vieira de Andrade ¹

Paulo Augusto de Souza Nogueira ²

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo analisar as práticas religiosas brasileiras de cunho pentecostal, tendo em vista que o pentecostalismo, segundo o Censo de 2010, é a religião com o maior número de fiéis negros do Brasil. Focaliza-se nas Assembleias de Deus, contrapondo a ideia de que há um predomínio de negros em religiões de matriz africana. A partir de revisão bibliográfica e análise histórico crítica, investiga-se como o racismo se manifesta na invisibilidade do protagonismo negro do movimento pentecostal, desde suas origens nos Estados Unidos até os seus desdobramentos no Brasil. O estudo busca compreender como essas relações se desdobram de maneira interpessoal dentro do ambiente protestante, a partir de uma perspectiva que revela as contradições de um movimento que ao mesmo tempo em que tem personagens negros em papéis de destaque, se ajusta aos moldes do que se convencionou chamar “racismo à brasileira”.

Palavras-chave: Pentecostalismo norte-americano. Pentecostalismo brasileiro. Invisibilidade racial.

Abstract: This research aims to analyze Brazilian Pentecostal religious practices, considering that Pentecostalism, according to the 2010 Census, is the religion with the highest number of Black adherents in Brazil. The focus is on the Assemblies of God, challenging the notion that Black individuals predominantly belong to Afro-Brazilian religious traditions. Through bibliographic review and historical-critical analysis, the study investigates how racism manifests in the invisibility of Black protagonism within the Pentecostal movement, from its origins in the United States to its developments in Brazil. This research also examines how these relationships unfold interpersonally within the Protestant environment, adopting a perspective that reveals the contradictions of a movement that, while featuring Black figures in prominent roles, conforms to the patterns of “racial democracy” in Brazil.

Keywords: American Pentecostalism. Brazilian Pentecostalism. Black invisibility

¹ Mestranda em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Graduada em Ciências Sociais pela PUC-Campinas e em história pelo Centro Universitário Claretiano. Atua nas áreas de Sociologia da Religião, Pentecostalismo e Relações Étnico- Raciais. Email: beatrizrobertavieira@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6774507269232871> ORCID: [0000-0002-9981-6223](https://orcid.org/0000-0002-9981-6223)

² Doutor em Teologia pela Universidade de Heidelberg, Alemanha. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-Campinas. Desenvolve pesquisas sobre a história e a literatura do cristianismo no mundo antigo, com ênfase especial nos textos apocalípticos judaicos e cristãos. Email: contato@profpaulonogueira.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3200067308515123> ORCID: [0000-0003-2781-6942](https://orcid.org/0000-0003-2781-6942)



Introdução

Para compreender a complexidade do movimento pentecostal, é necessário adentrar na história do pentecostalismo norte americano. A história é contextualizada a partir de um versículo bíblico presente em *Atos dos apóstolos*, que descreve o evento conhecido como dia de Pentecostes. O movimento se iniciou a partir do movimento de Los Angeles entre 1901 e 1906, em que diversos indivíduos se converteram ao cristianismo e começaram a falar em línguas. Logo, o pentecostalismo parte do princípio de que a salvação divina não é dada somente por meio da conversão e santificação, mas que há um terceiro passo a ser seguido: o batismo no Espírito Santo.

Uma das figuras mais notáveis do início do movimento é Charles F Parham, considerado o pai do pentecostalismo. Ao comparar sua experiência de glossolalia com o evento narrado em *Atos*, Parham se destacou não apenas por ser um dos primeiros a propagar essa mensagem, mas também por ser diretor-fundador da *Bethel Bible College*, onde se aprendia acerca da cura divina, assistência aos mais pobres e formação a jovens missionários. Partia do pressuposto de que a salvação seria dada não somente pelo “aceitar a Cristo”, mas também por meio da evidência do *falar em línguas (Glossolalia)*. Apesar destes fatos notórios, Parham geralmente não é citado, pois apesar de ser um destaque, tinha inúmeras controvérsias ao seu respeito, como práticas racistas, ou suas acusações de sodomia. Como explica Leonildo Campos:

No entanto, não sem motivos, a historiografia do pentecostalismo tende a ocultar o papel de Parham, teve devido a acusações de homossexualidade, de suas notórias inclinações racistas e simpatias com a Ku Klux Klan e por defender algumas doutrinas consideradas estranhas pelos americanos, entre outras, a crença de que os anglo-saxões seriam descendentes das dez tribos perdidas de Israel após o exílio na Assíria (Campos, 2005, p.104).

A origem do pentecostalismo no Brasil é derivada de influências norte-americanas e suecas, ambas marcadas pela prática do falar em línguas. Dois missionários, ao transferirem as ideias do pentecostalismo norte-americano para o Brasil, trouxeram o nome “Assemblies of God”, embora com doutrinas distintas. Isso se deu principalmente pelo fato de que, nos EUA, essa denominação se opunha as ideias de William Seymour ³.

³ William Seymour (1870 – 1922), homem negro, filho de ex-escravizados de Louisiana e líder do avivamento na Rua Azusa, em 1906.



Seymour era impedido de frequentar a sala de aula onde Parham ensinava, sendo forçado a ouvir as lições do corredor. Ainda assim, tornou-se um dos principais líderes do movimento, defendendo igualdade racial por meio da fé. As Assemblies of God, entretanto, emergem num contexto segregacionista, formado por féis que não aceitavam ser pastoreados por pessoas negras, refletindo as políticas raciais das *Leis Jim Crow*.

Daniel Berg e Gunnar Vingren, ambos batistas, passaram um período nos Estados Unidos, pastoreando igrejas diferentes. Estavam descontentes com a rigidez doutrinária de suas denominações e, motivados por uma profecia que ambos receberam a respeito do Brasil, decidem viajar juntos. Chegam ao Brasil em 10 de novembro de 1910 – data considerada o marco do pentecostalismo brasileiro. - Ambos eram membros da igreja de William Durham, em Chicago, e chegam ao país com o objetivo de “expandir o reino de Cristo”, iniciando seus trabalhos na região Norte do país.

O movimento teve grande crescimento, especialmente em regiões distantes dos centros urbanos, onde a igreja católica não possuía tanto enfoque. A ausência de uma presença católica consolidada - sobretudo devido as precárias condições de vida da população local- abriu espaço para a atuação pentecostal. O foco do movimento era justamente essa população mais vulnerável, e sua organização leiga permitia interpretações mais flexíveis das Escrituras, o que, em muitos casos, culminava no fortalecimento de um *ethos* fundamentalista. Como mostra Gedeon de Alencar:

Inicialmente, como um movimento carismático, são igrejas voluntárias e populares, no entanto, ao longo de seu processo de tradicionalização até os atuais modelos de extrema nacionalização econômica, as tensões se manifestam e os conceitos (teologia), os fatos (ethos/lugares) e os personagens (principalmente os pastores-presidentes), se intercalam - não necessariamente em harmonia. Nessa dinâmica social, constrói-se uma igreja plural, com diversos tipos de *assembleianismos*. Acrescente-se que, apesar desse protagonismo dos “produtores dos bens simbólicos”, surge o “protagonismo leigo” inclusive das mulheres - não reconhecido e aceita (Alencar, 2019, p.45).

Nasce, então, a Assembleia de Deus (AD), fundada a partir de transformações doutrinárias de outros grupos evangélicos tradicionais. Os missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg estabeleceram a primeira Assembleia de Deus em 16 de junho de 1911, mantendo inicialmente o nome histórico de William Seymour – Missão da fé apostólica - embora, do ponto de partida escatológico e doutrinário, tenha havido um afastamento considerável da visão original. Em 1918, o nome foi alterado definitivamente



para Assembleias de Deus. O historiador João B. Chaves, conforme citado por Lui (2021) em *O racismo na história batista brasileira: uma memória inconveniente do legado missionário*, se apoia na tese de que há forte relação entre o cristianismo protestante e o compromisso com a expansão colonial dos Estados Unidos.

As Assembleias de Deus têm apresentado um crescimento expressivo no contexto religioso brasileiro. Atualmente, conta com cerca de 45 convenções espalhadas pelo país, cerca de 22 mil ministros e aproximadamente 8,5 milhões de membros. Suas igrejas estão presentes em diversas religiões e alcançam diversas classes sociais. Segundo o Censo de 2010⁴, trata-se da denominação com o maior número de fiéis negros no Brasil, os quais encontram nesse espaço um local para manifestar a sua fé e, muitas vezes, se reconectar com suas raízes identitárias.

Diante disto, este artigo tem como objetivo principal estabelecer uma conexão entre o movimento pentecostal clássico e seus desdobramentos na vida cotidiana dos fiéis, especialmente no que tange as duas dimensões raciais e de gênero. Busca-se analisar o fenômeno fundamentalista presente no pentecostalismo – desde suas origens, arcadas por uma rejeição ao saber em favor da capacitação direta pelo Espírito santo- e seu caráter conservador, refletido nas estruturas institucionais e na perpetuação do *racismo a brasileira*.

Adotando uma perspectiva histórico-crítica e o método bibliográfico exploratório, destrinchamos a história do pentecostalismo no Brasil, com foco nas principais igrejas pentecostais clássicas. A análise visa comparar o *modus operandi* do racismo em diferentes contextos dessas instituições e examinar o discurso de democracia racial promovido por elas. Também discutiremos como essas concepções impactam a vivência cotidiana dos fiéis negros e sua participação nos espaços de poder e liderança.

A Assembleia de Deus, como a maior denominação religiosa dentro do movimento pentecostal brasileiro — com cerca de 12.314.411 pessoas, segundo o último censo, distribuídas entre diversas organizações religiosas em todo o território nacional —, é também a instituição com o maior número de fiéis negros, aproximadamente 7.547.959. Apesar disso, observa-se uma ausência significativa de pessoas negras em

⁴ Segundo dados do Censo 2022, pretos e pardos representam aproximadamente 61% da população evangélica no Brasil, sendo os pardos 49,1% e os pretos 12%. Tal predominância é mais expressiva entre os pentecostais, grupo historicamente ligado às camadas populares e as periferias urbanas brasileiras, sendo o segmento evangélico com o maior número de fiéis negros do Brasil.



posições de liderança, especialmente em espaços de visibilidade midiática. Isso contrasta com as origens do pentecostalismo, que emergiu entre 1901 e 1906 nos Estados Unidos com forte protagonismo negro — sendo William Joseph Seymour uma de suas figuras centrais — e revela a exclusão histórica também das mulheres nesses espaços de poder.

Dessa forma, propomos os seguintes objetivos específicos:

- 1- Estudar a origem do pentecostalismo no Brasil como fenômeno religioso, comparando-a com suas raízes norte-americanas;
- 2- Analisar como o racismo se manifesta no cristianismo, especialmente na vivência religiosa de fiéis negros, abordando também a discussão sobre o pastoreio feminino nas AD's;
- 3- Compreender os motivos que levam a população negra a optar pelo pentecostalismo, especialmente pela Assembleia de Deus;
- 4- Discutir a dualidade do espaço pentecostal, que, embora inclua corpos negros, frequentemente perpetua um racismo cordial e marginaliza o protagonismo de mulheres negras.

1. Origens do pentecostalismo norte-americano e brasileiro

Para compreender o fenômeno pentecostal de forma mais abrangente, é necessário discutir sobre o pentecostalismo norte-americano e seus desdobramentos no Brasil. O movimento como demonstrado, possui suas origens a partir dos ensinamentos de Charles Parham e William Seymour. Parham era uma figura polêmica e hoje é pouco citada na história do pentecostalismo pelos fiéis adeptos à religião. Seymour, no entanto, atingia a camada social dos mais pobres com suas falas, crendo que assim como o espírito santo não fazia distinção de raça, e isso seria eventualmente abolido nos EUA com a criação das AD's em alguns dos segmentos do pentecostalismo. Entretanto, o contexto da época era outro: movimentos de supremacia branca reinavam e não tardou para que o racismo se estendesse aos fiéis brancos e segregasse as igrejas. Como indica Leonildo Campos:



Porém, enquanto Seymour pregava o poder do Espírito, negros eram linchados em várias partes dos Estados Unidos. Não tardaria, portanto, a ressurgir o racismo de pentecostais brancos, já tipificado na prática racista-teológica de Charles Parham, que veio com mais força em 1914, quando em Hot Springs, Arkansas, surgem as Assembleias de Deus, reunindo cerca de seis mil membros espalhados pelos estados de Texas, Oklahoma, Alabama e Illinois. Todavia, o declínio do profeta de Azusa Street aconteceu devido ao tempo, às divisões e à oposição (Campos, 2005, p.112).

Nos Estados Unidos, até mesmo pelo contexto ao qual o pentecostalismo está inserido, as distinções entre negros e brancos iam para além do *apartheid*, se estendendo também ao cristianismo e as igrejas (havia igrejas específicas onde negros podiam frequentar, costume perpetuado até os dias de hoje). Enquanto pastores brancos eram exaltados por seus trabalhos feitos nas igrejas e nas ruas, trabalhos como os de Seymour eram menosprezados (o trabalho de Seymour não era levado a sério por possuir “manifestações do espírito santo” de maneira mais explícita e porque este pregava que não deveria existir distinções entre brancos e negros, visto que aos olhos de Deus todos somos iguais.) Nos países norte-americanos, porém, há evidentemente figuras negras importantes nas lideranças das igrejas pentecostais, independentemente de sua vertente religiosa. Apesar disso, na sua perpetuação da religião no Brasil, isso não ocorreu. O que aconteceu?

Para analisar este fenômeno, é importante lembrar que a religião mais negra do Brasil possui origens distintas conforme suas denominações. Igrejas pentecostais mais tradicionais como a Igreja Quadrangular do Reino de Deus e Congregação Cristã, que possuem suas origens a partir do pentecostalismo norte americano.

As AD's possuem de fato a sua criação nos Estados Unidos, tais como a maioria das religiões de matrizes pentecostais existentes, sobretudo a partir dos fenômenos de manifestação do espírito santo como evidenciado anteriormente. Entretanto, em relação aos seus desdobramentos no Brasil, a origem é diferente: é sueca, advinda por um contexto de expansão do evangelho a partir de dois pastores que receberam uma revelação de que deveriam vir até o Brasil para difundir sua religião. Ao chegarem aqui, não tiveram muita resistência, visto que as manifestações religiosas tinham certa aceitação e que os pastores buscavam atingir em um primeiro momento as localidades mais pobres, difundindo um evangelho de fácil entendimento (o que as difere do catolicismo, por exemplo, que possui enfoque expansionista nas áreas mais abastadas do Brasil em busca



de dinheiro). A igreja se inicia de forma carismática, e começa a atingir diversas camadas sociais ao longo de seu centenário, criando divisões internas e diversas denominações (por isso Assembleias, porque não há uma única denominação e há vários modelos de assembleias, que fazem sentido no contexto ao qual estão inseridos).

Por não possuir sua origem a partir dos EUA, as Assembleias no Brasil não possuem algumas distinções e dogmas religiosos difusos no pentecostalismo norte-americano. Pensando no contexto latino-americano, as discussões raciais (sobretudo no nosso país), nunca chegaram a acontecer, evidenciando que o *problema racial* sempre esteve presente no pentecostalismo, independentemente de suas vertentes (e, no Brasil, as demais denominações pentecostais seguiram o mesmo modelo assembleiano), estando contido desta forma na estrutura. Como indica Alencar:

Apesar de vir dos Estados Unidos, não é trazido (nem sustentado e controlado por décadas, como são as demais igrejas evangélicas no Brasil) por americanos, mas por europeus marginalizados tanto em seus países de origem como nos Estados Unidos e Brasil. Portanto, ele se inicia como uma contracultura ao catolicismo dominante, e concorrente do protestantismo de missão, já nos Estados Unidos, além de uma série de disputas teológicas que nunca chegaram ao Brasil, vai se debater com algo mais grave, pois tem a pretensão de ser um *Pentecostalism*, algo jamais acontecidos no Brasil (Alencar, 2019, p.49).

Dentro da história da igreja, há inúmeras figuras de destaque, incluindo algumas mulheres como *Frida Vingren*, advinda da Suíça para o Brasil, responsável por criar inúmeros hinos da harpa cristã, e que pregava o evangelho em praças e na própria igreja local, e pastoreando indiretamente (a maioria de seus textos, hinários e afins tinham a assinatura de seu cônjuge). Fizera um trabalho pastoral excepcional, apesar de nunca ter sido reconhecida como uma (quando ela retornava para a Suíça, por exemplo, o seu título pastoral era mantido unicamente na Suíça, já que no Brasil, Frida perdia o título, embora tenha colaborado e na prática tenha feito um trabalho pastoral.) Em certa parte de sua vida, ela fora taxada como louca, além de terem inúmeras tentativas de acusação para que sua imagem fosse desassociada com ações positivas. Ao final de vida, ela retorna ao seu país de origem e acaba morrendo de maneira solitária, sendo a única mulher dentro de a história da igreja a chegar perto do que se considera um pastoreio feminino no Brasil na Assembleia de Deus (havia outras mulheres, sobretudo as advindas de outros países, mas que não recebiam o título de pastoras e não possuíam ministérios). Conforme Alencar (2019, p.123) nos indica: “No mundo religioso, mesmo quando uma mulher se destaca,



ela não pode ser “maior” que seu marido, ainda que na prática o seja, seu cargo “precisa” ser inferior ao dele”.

Apesar disso, em inúmeros documentos e convenções gerais da igreja, os líderes destacaram que o pastoreio não poderia ser feminino, somente nos momentos em que os homens não fossem maioria. Apesar disso, de acordo com mesmo censo citado anteriormente, as mulheres são maioria nas AD’S (Assembleias de Deus). Sendo assim, onde estão essas mulheres? Como defendia Gunnar Vingren:

As irmãs têm todo direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e a sua salvação, e ensinando quando for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos excepcionais mencionados em Mateus 12.3-8. Assim, deve ser somente quando não existam na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar (Vingren, 1987, p.168).

Atualmente, o cenário não é muito diferente. A maior parte das mulheres não possuem nenhum ministério se não aqueles destinados para o público feminino (como ministério das mulheres, por exemplo) ou são delegados o ministério infantil (e quem comanda geralmente são as mulheres dos pastores), reforçando os estereótipos de gênero e o sistema patriarcal e racial⁵.

2. Distinções entre o pentecostalismo norte-americano e o brasileiro: as adequações de um racismo à brasileira

Na década de 1910, já havia outras igrejas pentecostais presentes no país oriundas do que hoje conhecemos como Congregação Cristã do Brasil. (CCB), Igreja Batista e Luterana, por exemplo. Berg e Vingren tem certo apreço por estas igrejas naquele período, sobretudo a Congregação Cristã do Brasil, no entanto por divergências doutrinárias e escatológicas se afastam da denominação religiosa, visto que os assembleianos seguiam o arminianismo (crença de que Cristo não seleciona indivíduos em específico para oferecer graça. Cabe aos homens, portanto, a busca pela salvação – salvação baseada na fé), enquanto os membros da CCB seguiam a doutrina calvinista

⁵ Segundo pesquisa do Datafolha, citada pelo jornal *Carta à Capital*, o maior componente estatístico das Assembleias de Deus são mulheres e negras. Disponível em: cartacapital.com.br/sociedade/mulheres-negras-sao-maioria-entre-evangelicos-aponta-datafolha/. Acesso em: 1 jul. 2025.



(entende que a salvação vem por meio da predestinação: Deus escolheu desde o princípio quem iria para o céu e quem seria condenado ao inferno). Segundo Leonardo Mariano:

Enquanto a Congregação Cristã buscava em São Paulo seu enraizamento através principalmente de italianos, a Assembleia de Deus ia pontilhando o Norte, carregada pelas camadas pobres da população brasileira. Estas faixas pobres, com muito escassas possibilidades de melhoria de vida e com praticamente nenhuma participação nos cultos católicos oficiais, encontram nas celebrações neste ramo pentecostal momentos propícios da espontaneidade e liberdades religiosas. No limiar da segunda década do século, o pobre começava a ter vez, numa presença ativa, em templos que ele mesmo ajudou a construir e que os considerava como seus. Além disso, a forte tendência a glossolalia e as orações coletivas, que a Assembleia veio destacar, respondiam desde o início às aspirações religiosas dos pobres (Rolim, 1985, p.42 *apud* Mariano, 2019, p.60).

No entanto, as igrejas aqui presentes e o catolicismo no geral não eram de todo receptivos aos negros, onde as cristãs/evangélicas (sobretudo batistas, presbiteriana, luterana etc.), focavam em prestar assistência não aos mais pobres e excluídos socialmente, mas sim a classe média e alta da época, com enfoque sobretudo aos imigrantes italianos, norte americanos, ingleses etc., seguindo basicamente o projeto de eugenia brasileiro oriundos do pós-abolição. Grande parte de seus cultos eram pregados em Alemão, inglês e italiano, inacessível a grande parte dos negros ali presentes. Um ponto interessante a ser destacado, é o fato de que as religiões de matriz africana, além da clara demonização não somente do senso comum e das próprias instituições religiosas (sobretudo das igrejas evangélicas, que nunca aceitavam sincretismo religiosos abertamente, apesar de terem ao longo dos anos incorporado certos elementos de outras religiões), mas também do código penal (criada antes mesmo da constituição de 1891), que criminalizava os negros que praticavam “espiritismo.” (o que diferenciava os membros cristãos de outras religiões era a satisfação da perseguição, que significava sofrer por Cristo, e isso era algo bem-visto aos olhos de todos, ainda que causasse sofrimento).

Há alguns relatos que indicam que por inúmeras vezes (e por terem um público semelhante ao de religiões de matriz africana) foram parados pela polícia ao serem confundidos com membros de religiões afro-brasileiras e devido ao “barulho” emitido pelos fiéis ao falar em línguas, dançar, cantar etc. No entanto, há maior concentração de esforços de Berg e Vingren em propagar o evangelho, e não somente deixá-lo propenso



à elite do país. Com isso, ambos começam a aprender português e o pentecostalismo se torna desta forma acessível aos mais pobres;

Neste contexto há ainda uma divisão entre o pentecostalismo norte americano e o sueco, não somente em igrejas assembleianas, mas também de outras denominações religiosas, como a Batista, por exemplo, partindo da ideia de que os norte-americanos aqui presentes naquela época em determinados momentos, o que evidencia a pluralidade cultural presente nas AD's ao longo dos anos, com um visceral problema racial desde o seu nascimento. Em seu diário, Vingren e Berg evidenciam o caráter segregatório embutido nos discursos, e nota-se profunda estranheza por parte dele ao checar que no Brasil os negros e brancos viviam numa suposta “harmonia”. Como indica Vingren em seus diários:

A primeira que recebeu o batismo com o Espírito Santo foi uma irmã preta como carvão, mas lavada no sangue de Jesus. Agora estava posto o fundamento para o templo espiritual, que ainda hoje torna-se cada vez mais alto (Vingren, 1987, p.86, grifo nosso).

Outra divergência importante das AD's brasileiras para as norte americanas, é a ideia de “destino manifesto” propagada pelos brancos dos EUA, que entendiam que seria entendido como uma reconciliação entre as “igrejas brancas” e as “Igrejas negras”, o que seria impossível no Brasil (visto que os racismos são distintos e no Brasil menos explícitos), as AD's do Brasil se tornam um local dotado de características norte americanas (com um racismo menos explícito), mas destituídas de grande parte das características das igrejas pentecostais de Seymour, como o Jazz, as danças e manifestações culturais, por exemplo, porque no nosso país tais características eram criminalizadas e demonizadas. Como os pastores num primeiro momento desejavam se afastar das religiões de matriz africana, há uma demonização das danças e há a proibição de instrumentos musicais como o pandeiro, por exemplo, que seria utilizado posteriormente apenas em igrejas localizadas nas regiões periféricas das cidades.

Por estar associado a música de negros marginalizados, esse termo não foi aceito na liturgia das igrejas e foi visto como ritmo pagão, pois era tido como “coisa de preto macumbeiro”. Isso reforça o processo de assimilação do negro e sua negação identitária em detrimento de uma “cultura superior”, sobre a questão musical. Apesar de hoje, evidenciarmos instrumentos de percussão nas músicas e hinos evangélicos, encontramos ainda uma grande resistência por boa parte



dos pentecostais com relação a ritmos negros como o samba, funk, rap, repente etc. Mas porque será? (Mariano, 2019, p.145).

No contexto brasileiro, o pentecostalismo num primeiro momento se inicia ao norte do país, um lugar dotado de particularidades e de indivíduos de renda salarial menos abastada que não eram interessantes e atrativos ao catolicismo da época, que tinha como enfoque regiões do país com fiéis com grande renda, já bem estabelecido em regiões como São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo. Um ponto notório a ser destacado é que um dos fatores que auxiliou o crescimento das AD's no Brasil foi também a vinda dos Suecos ao Brasil. (Os que antes moravam nos EUA, seguem particularmente para o norte do país, enquanto os oriundos da Suíça se dirigem ao Sul) O Pará, onde nasce a primeira AD no país, naquela época era constituído de um perfil bem plural: ricos, pobres, com áreas urbanas e rurais, que se tornam o primeiro foco de propagação da ideia assembleiana. Logo, uma das características notórias em relação à história norte-americana e seus desdobramentos no Brasil, seria a origem histórica e teológica sobre a qual pertencem. Como propõe Gedeon Freire de Alencar:

Enfim, o que o pentecostalismo assembleiano brasileiro herda de suas origens americanas? Distante da ideologia de “destino manifesto”, algo que, segundo Velasques (1990; 163) contaminou todo o protestantismo brasileiro. não teve o estilo musical do jazz e do blues dos espirituais, das danças congregacionais, também longe da tensão entre grupos segregacionistas e das disputadas tributárias e unicistas tão presentes nas AD's, e durante muitas décadas completamente longe do movimento pentecostal mundial, pois a primeira - única até o momento - conferência mundial pentecostal (pentecostal world fellowship -PWF) vai acontecer no Brasil somente em 1967. As AD's reproduzem, então, a síndrome brasileira de alheamento do mundo (Alencar, 2019, p.63).

Apesar de num primeiro momento Berg e Vingren adotarem o nome em homenagem a Igreja de Fé Apostólica liderada por Seymour, que pregava a unidade entre os povos e a não divisão entre as raças, os fundadores absorvem outra estrutura pastoral, oriunda das *Assemblies of God*, que como aqui mencionadas, propagam um viés europeu, segregacionista e branco. A princípio, as AD's da época intercalavam entre os dois nomes. Vingren e Berg chegam ao Brasil no dia 19 de novembro de 1910, apenas 23 anos depois da abolição da escravidão, considerado uma data de suma importância para os fiéis pentecostais e considerada a data de início do pentecostalismo no país, tendo em sua historiografia oficial a pretensão de se declararem como pioneiros do pentecostalismo brasileiro.

Um outro ponto de apagamento importante a ser destacado, é o embranquecimento proposital de pastores na historiografia oficial das AD's. Podemos citar como exemplo a biografia de Alcebíades Pereira Vasconcelos, negro, que foi retratado como branco na foto de capa de sua biografia pela CPAS, bem como na história do pastor Manoel Higino, aqui citado.

Figura 1 - Pastor Manoel Higino de Souza, AD de Mossoró (1932)



Fonte: Mariano (2019)

O processo de embranquecimento dos indivíduos marcantes na história das AD's não só escancara o racismo aqui presente, mas impede um processo de identificação da população negra com sua história e indica uma falta de representatividade.

Ademais, há uma reprodução de uma característica da própria cultura brasileira: o alheamento do mundo e o distanciamento da própria história do movimento. Tal atividade impede também mensurar quantos negros foram protagonistas na consolidação da instituição religiosa no país.

Já se tornou corrente a ideologia de que enfatiza a democracia racial como uma marca dos Evangélicos brasileiros. Segundo ela, não temos igreja separadas por raças, etnias ou cor. e isso nos faz mais harmonioso do que os evangélicos da América do Norte por exemplo. Porém, essa é mesmo a realidade entre os evangélicos brasileiros? Não há ideologia alguma por trás dessa premissa? Ao mesmo tempo em que as denominações Pentecostais compõem a vertente da Igreja Evangélica que dá mais espaço aos negros brasileiros, também são as que reforçam o mito da democracia racial entre evangélicos. Caso contrário, pentecostais não seriam os que mais demonizam nos cultos de origem africana, nem se assustaram tanto com as reflexões sobre o racismo nas igrejas e teriam e suas lideranças majoritárias, um número muito maior de negros tratando os rumos de suas matrizes. Pelo contrário, a Igreja Pentecostal foge das discussões sobre questão racial, demonstrando que entre os evangélicos pentecostais a um *paraíso racial* sem diferenças nem preferências (Oliveira, 2015, p.89).



A aceitação no pentecostalismo é dada a partir da não manifestação de outros elementos culturais, sobretudo aqueles que nos caracterizam como indivíduos culturalmente distintos. O “aceitar a Cristo”, interioriza o apagamento de suas características físicas que os definem como seres diferentes uns dos outros. Os irmãos em Cristo são unidos, e discutir elementos raciais ou apontar o racismo e machismo, nesses casos, é desfazer o elo entre os irmãos, o que não é permitido.

O cristianismo é sempre pautado na ideia de sacrifício, e o sacrifício para Cristo no pentecostalismo inclui implicitamente a rejeição a sua negritude para que haja a aceitação de seus corpos nesses espaços, abrindo mão portanto de seus elementos culturais. Tal indício, assim como as características do racismo à brasileira, não são evidentes, mas sim mascarados sempre que possível. Nascer para Cristo, nesse contexto, se torna também morrer para a sua negritude. O racismo fica notório inclusive em hinos da harpa cristã, escritos também por pastores das AD's, como na canção “Alvo mais que a neve”, escrita durante a Guerra Civil Americana, por exemplo:

*Alvo mais que a neve/ Alvo mais que a neve/ Sim, nesse sangue lavado/Mais alvo que a neve serei/ Se nós a Ti confessarmos/ E seguirmos na Tua luz/ Tu não somente perdoas/ Purificas também, ó Jesus/ Sim, e de todo pecado/ Que maravilha de amor/ Pois, que **mais alvo que a neve/ O Teu sangue nos torna, Senhor.** (Mais alvo que a neve, Harpa cristã, Eden Reeder Latta, 1881, grifo nosso)⁶.*

A discussão sobre hinos desse gênero se faz necessária porque a exaltação de características físicas e padrões de beleza lidos como europeus ou brancos, indica a posição de privilégio sobre qual estão inseridos, fazendo também com que os indivíduos internalizam tais afirmações e queiram se tornar admiráveis como as canções, agir de determinada forma para não se sentir excluído do grupo sobre o qual deseja se inserir, bem como alisar seus cabelos (marcados importante na construção da autoestima negra, levando em consideração a quantidade de mulheres negras inseridas nesses espaços), por exemplo. A vida pública influencia a vida privada e faz com que os negros desejem de tornar brancos, não somente pelos padrões de beleza europeus e hegemonicamente

⁶ A metáfora da “brancura” na Harpa Cristã (CPAD, 2011) como em “Alvo mais que a neve” (Hino 39) e “Nívea Luz” (Hino 91), associa pureza espiritual branca (“neve, nívea luz”), o que pode ser interpretado como viés estrutural racista no contexto brasileiro. Rolando de Nassau aponta que essa linguagem remete a simbolismos raciais do século XIX norte-americano, fazendo com que tais imagens se aproximem de “ideias de embranquecimento” e “dominação”.



brancos, mas também *para serem semelhantes a Cristo* (Cristo este geralmente ilustrado como branco, de olhos azuis). De acordo com Franz Fanon:

O negro quer branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano. Veremos, ao longo desta obra, elaborar-se uma tentativa de compreensão da relação entre o negro e o branco. O branco está fechado em sua brancura. O negro em sua negrura (Fanon, 2008, p.27).

O racismo no pentecostalismo, diferentemente do neopentecostalismo, que demoniza elementos da cultura africana e afrobrasileira, bem como sincretiza elementos de outras religiões além de possuir um caráter explícito de racismo, age a partir do mesmo *modus operandi* o racismo à brasileira: através do silêncio. A ideia de alheamento do mundo abre brechas para a falta de discussões sobre distintos assuntos, tais como racismo e machismo. O pentecostalismo brasileiro parte da ideia de que discussões sobre temas seculares geram divisões dentro da igreja. A premissa de que “somos todos irmãos em cristo” está acima de quaisquer divisões que o “mundo” tente inserir. E como “mais alvo que neve serei”, as discussões raciais (por mais importantes que sejam num espaço sobre o qual há um grupo majoritariamente negro), não existem porque nada pode atrapalhar a unidade do corpo de cristo. Discutir quaisquer fatores sociais, segundo os pastores, traz a ideia de divisão da igreja, ato inadmissível, porque o corpo de cristo funciona se cada membro do corpo estiver em pleno funcionamento. A igreja de cristo, passa, indiretamente, a perpetuar e espalhar a ideia de democracia racial nos espaços religiosos e, por conseguinte, nos espaços privados. Segundo Marco Davi de Oliveira:

Na igreja brasileira já se tornou corrente a ideologia que enfatiza a democracia racial como uma marca dos evangélicos brasileiros. Segundo ela, não temos igrejas separadas por raças, etnias ou cor, e isso nos faz mais harmoniosos do que os evangélicos da América do Norte, por exemplo. Porém essa é mesmo a realidade entre os evangélicos brasileiros? Não há ideologia alguma por trás dessa premissa? Ao mesmo tempo que as denominações pentecostais compõem a vertente da igreja evangélica que dá mais espaço aos negros brasileiros, também são as que reforçam o mito da democracia racial entre evangélicos. Caso contrário, os pentecostais não seriam os que mais demonizam os cultos de origem africana, nem se assustaram tanto com as reflexões sobre o racismo nas igrejas, e teriam, um número muito maior de negros traçando os rumos de suas matrizes (Oliveira, 2015, p.89).

O racismo estrutural, de extrema importância para o entendimento da forma em que o racismo se mostra no Brasil e nas instituições religiosas, parte da ideia de que o racismo está presente em todas as esferas sociais e em todos os lugares. Segundo Almeida



(2020), o racismo pode ser visto a partir de 3 formas: 1. Individual (direcionado geralmente a um único indivíduo). 2. institucional (racismo relacionado a instituições, como escolas, igrejas e através das próprias leis, por exemplo); 3; estrutural (contida em todas as esferas da vida cotidiana, inclusive no imaginário social dos indivíduos.) A ideia de negro e branco são socialmente construídas, e como aqui indicadas, lidas de formas diferentes. Nos EUA, por exemplo, prevalece a ideia de hereditariedade, enquanto no Brasil, as características físicas ou fenotípicas são os marcadores raciais que prevalecem, sendo o negro um produto do próprio racismo, possuindo portanto um caráter sistêmico, se espalhando em todas as estruturas sociais, incluindo os ambientes religiosos, de forma institucional (devido ao apagamento contido na igreja desde as suas origens como aqui indicado) e estrutural (por conter ideais de uma democracia racial que não existe, mas que está contida no imaginário social dos indivíduos).

As igrejas cristãs pentecostais brasileiras, pouco se manifestaram acerca da abolição da escravatura (mesmo conforme indicado, terem uma efetiva participação negra desde a sua criação), somente quando tal assunto já tinha se tornado um consenso entre a população e que já se entendia que em algum momento a escravidão seria abolida. Ademais, grande parte destas igrejas não acolheram os negros em suas instituições. Não havia um racismo explícito, como ocorria nos EUA, os negros podiam assistir os cultos e celebrações, mas não podiam participar na construção ou transmissão da palavra de deus, visto que grande parte das instituições não possuem qualquer enfoque nos negros ou na população mais pobre do Brasil, mas sim na Elite e nos imigrantes que aqui chegaram juntamente com uma ideia de eugenia e embranquecimento da população.

3. Por que os negros optam pelo pentecostalismo? Um olhar para as mulheres das AD'S

Os negros procuram o pentecostalismo porque as suas práticas em relação a corporeidade se aproximam mais do cotidiano e ancestralidade dos negros, além da questão da musicalidade (em que os negros nas Assembleias, por exemplo, possuem espaços para manifestações do Espírito Santo através do corpo, mas também possuem espaço para canto, dança e afins. A prática religiosa é um espaço em que o negro se sente parte de um todo num contexto social que tenta a sua exclusão constantemente, seguindo uma espécie de liturgia própria, se aderindo as características culturais brasileiras, mas



sobretudo, dando abertura para a entrada de fiéis negros sem distinção (aparente) de raça e abraçando uma comunidade historicamente excluída. Como nos mostra Oliveira:

Os negros permanecem sem rumo, sofrendo o preconceito, o racismo, a discriminação e a exclusão. E foi exatamente nesse contexto de exclusão que a comunidade negra cristã fez opção pelo pentecostalismo: a igreja pentecostal chegou mais perto daqueles que eram marcados pelo estigma do desprezo social (Oliveira, 2015, p.49).

Como o pentecostalismo (e consequentemente o assembleísmo) tomou características próprias e culturais do Brasil, assimilaram-se elementos de cunho racial que remetem ao passado escravocrata e mal resolvido do nosso país, tal como a ideia de democracia racial. A partir do discurso de que ao “aceitar Jesus”, você faz parte de uma única família, sem nenhuma distinção entre os irmãos, cria-se uma relação dialética entre os conceitos, visto que o racismo e preconceitos continuam se perpetuando dentro da igreja, ao mesmo tempo em que o discurso da democracia racial se mantém, sendo passado dos pastores aos fiéis, da mesma forma em que elementos culturais africanos são demonizados e dialeticamente estão difusos nos rituais pentecostais

Na igreja brasileira já se tornou corrente a ideologia que enfatiza a democracia racial como uma marca dos evangélicos brasileiros. Segundo ela, não temos igrejas separadas por raças, etnia ou cor, e isso nos faz mais harmoniosos do que os evangélicos da América do Norte, por exemplo. [...] Pelo contrário, a igreja pentecostal foge das discussões sobre a questão racial, demonstrando que, entre os evangélicos pentecostais, há um *paraíso racial* sem diferenças nem preferências (Oliveira, 2015, p.88-89).

É sabido que as mulheres compõem a maioria dentro das Assembleias de Deus (em que mulheres negras são maioria). Entretanto, tal como os negros, não há mulheres em destaque no pastoreio. Em primeiro lugar porque algumas denominações não consideram mulheres aptas ao pastoreio (alguns utilizam de um trecho bíblico de *Efésios* 6 para justificar a ausência de pastoreio feminino, indicando que Deus nos fez iguais, mas com funções diferentes), mas também pela falta de atribuição de ministérios a essas mulheres (que só são distribuídos a mulheres em momentos específicos como o pastoreio de mulheres e crianças, reforçando a ordem patriarcal existente).

A corporeidade se faz muito presente, portanto, na construção dos negros no Brasil. Danças, cantos, e outros movimentos corporais sempre foram utilizados pelos negros no Brasil, seja em forma de resistência, ou de diversão, se fazendo presente



inclusive nas religiões. No entanto, poucas dessas denominações religiosas aceitaram bem essas ditas práticas, principalmente porque eram associadas a “coisas de macumbeiro”, mostrando que as religiões de matriz africana, apesar de aceitarem as práticas corporais, eram sempre levadas de modo pejorativos ou demonizadas não somente pelas leis ou senso comum, mas por outras igrejas como a católica e as evangélicas, trazendo a ideia e percepção de acolhimento e pertencimento a indivíduos que são subjugados inclusive pelo imaginário social.

Alguns aspectos contribuem para a identificação da religiosidade do povo negro do Brasil. O primeiro, que salta aos olhos, é a utilização do corpo como instrumento do culto. Nas igrejas pentecostais, o corpo é usado livremente no momento da adoração, indo de palmas e danças até expressões incomuns, como rastejar no chão, abrir os braços numa posição de voo, correr sem sair do lugar etc. Todas essas manifestações nada mais são que a utilização do corpo para se expressar melhor. Essas experiências, até alguns anos atrás, só eram vistas nos grupos pentecostais.

O segundo aspecto que chama a atenção na liturgia pentecostal e que atrai os negros no Brasil é a musicalidade. Podemos ver - não só no Brasil, mas em todo o mundo - que a musicalidade do negro está relacionada com a vida, o sofrimento as lutas por libertação e os momentos de nascimento e morte. Essa musicalidade fez diferença, por exemplo, na história sofrida dos negros escravizados no Brasil. Quando, em meio a tanta dor, os negros cantavam e dançavam, demonstravam a resistência que os caracterizaria em todos os continentes.

Foi assim não apenas no Brasil, mas também em outros países por onde os negros estão espalhados. A música serviu como um alento diante do sofrimento, um bálsamo para confortar as vítimas de tantas atrocidades. Segundo Marco Davi de Oliveira (2015, p.66): “A musicalidade das populações negras é, portanto, um ponto forte de sua religiosidade.”

Ademais, a musicalidade se faz extremamente presente no contexto pentecostal, visto que a música sempre esteve presente na cultura afro-brasileira, a partir de cânticos de festividades e de resistência, por exemplo, o que não é diferente num contexto cristão. Nas AD's, os negros têm não somente a liberdade expressiva de cantar publicamente, mas também possuem espaços específicos para isso, como os corais das igrejas, ou, como ocorrem em muitas Assembleias, momentos específicos onde os próprios fiéis podem



indicar uma música por meio da banda ou por meio de um playback de um hino e cantar abertamente. Sobre isso. Nos diz Marco Davi de Oliveira:

Durante toda a história do pentecostalismo brasileiro, essa diversidade de expressão musical que mantém suas raízes tem sido um ponto fundamental, tornando-se alvo de uma estratégia usada para a atração dos negros do país a igreja pentecostal (Oliveira, 2015, p.67).

Eventualmente, com a entrada das AD's nas camadas mais pobres da população, principalmente a partir da figura de Paulo Leivas Macalão, temos um aumento exponencial da população negra nas instituições religiosas. Diferentemente de outras igrejas, as AD's acolhem os negros, e estes locais se tornam espaços de aceitação da população negra, que podia cantar, dançar e manifestar os dons do batismo do Espírito Santo sem quaisquer tipos de demonizações ou preconceito por isso nos primeiros anos onde as práticas corporais eram realizadas, a polícia interrompia por inúmeras vezes os cultos das AD's, principalmente porque estes eram confundidos com cultos de religiões de matrizes africanas. No entanto, tais visitas eram vistas como benéficas, porque a "perseguição" segundo os membros das Assembleias era motivo de louvor, visto que a perseguição era vista como algo benéfico, já que era associado a perseguição indicada na bíblia aos apóstolos.

Portanto, a religião mais negra do país possui as características da cultura afro-brasileira, embora sofram severos processo de apagamento e da cultura afrobrasileira, que se apropria de certos elementos, enquanto demoniza outros.

Essa é uma igreja com maioria negra, que nega aspectos da cultura e religiosidade afro-brasileira, mas que ao mesmo tempo bebe na fonte de todo esse aparato cultural, sob "máscaras brancas", a fim de esconder suas origens africanas, ao ponto de inventar uma tradição exclusivamente branca sueca, como se os negros brasileiros não tivessem influenciado em nada em sua cultura religiosa eclesiástica. (Mariano, 2019, p.104).

Entretanto, como já mostrado, raça e gênero compõem a maioria dentro das assembleias de deus. Desta forma, há um poder simbólico que essas mulheres possuem (sobretudo as mulheres negras), que podem alterar a estrutura social do rito, ou seja, podem alterar o pastor ou a fala deste caso estas se manifestem através do silêncio. Conforme indica Gedeon Freire de Alencar:



Wanda Freire, esposa do José Wellington, (bem como Zélia Macalão, esposa do Paulo Macalão), pode até ter seu retrato em todos os jornais, sentar-se no púlpito, ser entrevistada na TV e publicar livro. Sim, ela também tem poder e o usa. Mas a irmã Maria, anônima, pode fazer um estrago ou benefício bem maior que esta outra com sobrenome ilustre. Afinal essa ilustre “Primeira-Dama do Ministério” se fia no poder do marido, neste caso, fortalecendo-o. Assim sendo, seu papel realiza um efeito contrário: sua postura reforça sua inferioridade e desimportância. A outra mulher, pobre, sem nome, solteira ou sem marido ilustre age autonomamente, reforçando, assim, simbolicamente seu próprio poder. Ou, segundo o entendimento de seus seguidores, um poder espiritual. Afinal, qual das duas é mais poderosa? (Alencar, 2019, p.246).

Para além disso, mulheres negras possuem um poder de alcance muito maior do que os pastores, visto que ao praticar cultos em suas residências, elas tomam a frente do pastoreio (mesmo que não reconhecido pela igreja local), que podem atingir camadas que outrora não seriam atingidas pelo pastor da igreja (fatores como localidade, influência e afins, são considerados).

No que se diz respeito à esfera privada, no entanto, as mulheres têm poder a partir dos cultos domésticos, geralmente realizados em suas próprias casas, alcançando pessoas que provavelmente as igrejas não alcançariam. Neste espaço, as mulheres são chamadas de pastoras, conduzem os cultos e levam a pregação. Os membros desses cultos, eventualmente acabam frequentando a AD sobre a qual a sua líder espiritual congrega, ainda frequentando os cultos domésticos, que não são realizados nos mesmos dias dos cultos de celebração, mas sim nos intervalos entre os eventos promovidos pela instituição religiosa.

Logo, de forma geral no contexto das Assembleias de Deus, as mulheres têm o trabalho espiritual, enquanto os homens ficam com a liderança, que partem de um binarismo sexual bem delimitado, com funções específicas ao feminino e ao masculino, tendo como consequência, a não valorização do trabalho (e pastoreio) feminino. Como o “trabalho eclesialístico” não é de fato visto e reconhecido como um trabalho e sim como virtude, as mulheres são guiadas a entender que não são passíveis de salário, tal qual o próprio trabalho doméstico, por exemplo.

As Assembleias, assim como outras denominações pentecostais, partem da premissa de que o Espírito Santo se move através do barulho. Desta forma, palmas, gritos, rodopios e outras manifestações corporais são evidenciadas, seja nos momentos de



louvores, pregações e orações, e sendo confundida nos primórdios da consolidação das AD's no Brasil com religiões de matriz africana, que produzem sons similares.

Como as mulheres são maioria, ao passo em que estas se calam, seja por insatisfação sobre algo dito por algum pastor ou por discordância de alguma fala de qualquer outro membro que está conduzindo o culto, elas são capazes de trocar toda a ordem hierárquica vigente, e em alguns casos, são capazes de trocar inclusive o líder religioso que as representa. Quando as mulheres negras se calam e utilizam deste poder disposto numa esfera simbólica, o restante dos membros da igreja não contesta as mulheres, mas sim direcionarão as dúvidas a quem conduz a fala, indicando que há algo errado em determinado líder ou pastor e que este não tem a “unção” necessária, ou é um líder “frio” que é consequentemente trocado.

Considerações finais

A partir do que fora elucidado, nota-se que o movimento pentecostal possui origens norte americanas, sempre marcadas por tensões de cunho racial, embora tenha participação negra em toda a sua construção, seja a partir de eventos como a *Rua Azusa*, ou com figuras como Seymour e Durham. A religião, no entanto, possuía (e possui até os dias atuais) significados diferentes a pessoas brancas e negras, onde para os brancos tinham maior preocupação na escatologia e teologia, enquanto os negros viam na religião uma fonte de acalanto frente as desigualdades enfrentadas fora do ambiente religioso.

As Assembleias de Deus no Brasil, nascem também neste contexto segregacionista, onde os membros brancos e da elite da igreja de William Seymour (e de outros pastores) se recusam a ser pastoreados por um negro e filho de ex-escravos, bem como se recusar a congregar na igreja juntamente com pessoas negras. Posteriormente, Daniel Berg e Gunnar Vingren, dois suecos e participantes dos cultos, recebem uma revelação divina de que deveriam se dirigir até o Brasil com o intuito de espalhar o evangelho. Logo, diferentemente de outros locais, o pentecostalismo brasileiro (sobretudo as AD's) tiveram uma influência majoritariamente sueca, o que nos distanciou de determinadas características do pentecostalismo norte-americano e em sua maioria negra e ainda que tenha adquirido um caráter à brasileira, o racismo ainda está condido nas relações interpessoais e institucionais da igreja, no sentido de inviabilizar a história do



movimento e apagar a história e protagonismo negro e feminino da história das AD's no Brasil.

Sem dúvida, todos os racismos são abomináveis e cada um faz as suas vítimas do seu modo. O brasileiro não é o pior, nem o melhor, mas ele tem as suas peculiaridades, entre as quais o silêncio, o não dito, que confunde todos os brasileiros e brasileiras, vítimas e não vítimas (Souza, 1983, p.19).

O racismo nessas instituições se manifesta a partir da proibição de discussões de cunho racial no espaço religioso. A ideia de que “todos somos irmãos em cristo” e que discussões de gênero e raça criam rupturas na igreja, perpetua o falso pensamento de democracia racial. Tal proibição impede também que os negros pertencentes ao grupo social (que também são maioria) possam se identificar plenamente ao movimento religioso.

Desta forma, os negros optam pelo pentecostalismo pela não demonização de seus corpos, bem como a partir de uma aceitação coletiva (embora com a condição de apagamento de suas características negras e aumentando o desejo destes de se tornarem brancos), ao mesmo tempo em que garantem uma liberdade corporal a partir de danças, rodopios e gritos, por exemplo. Partem também da premissa de que a perseguição e que alguns sofrimentos causados aos oprimidos são de alguma forma benéficos, porque podem garantir benefícios nos céus, traz consigo também a necessidade da não transformação dos indivíduos e da sociedade, um alheamento do mundo, o que lhe faz seguir a vida dura e difícil sem perder a dignidade.

Além disso, nestes espaços os negros podem cantar, dançar e se expressar corporalmente sem sofrerem quaisquer tipos de preconceitos por membros da igreja. Ao contrário das religiões de matriz africana, por exemplo, os negros recebem aprovação por se expressarem, e não são demonizados por dançarem ou cantarem, sendo, ao contrário, sempre influenciados a realizar em tais tarefas (e seguirem estereótipos de que todos os negros cantam e dançam bem, por exemplo).

De forma geral, o movimento negro elenca como principais atividades para o crescimento de jovens e adultos antirracistas é tratar o problema racial nos espaços escolares. Mas pensando que a grande maioria das mulheres negras perpassam pelo ambiente religioso, elencar e representar homens e mulheres de destaque no movimento e, a partir de uma teologia negra e de um Deus que se compadece e provê o que é necessário para que estes sejam libertos. Retornar a hermenêutica negra, é, portanto,



reconhecer que o Deus encarnado se reconhece em meio aos negros. É o que reforça James Cone em seu livro *Teologia negra*:

Ao se tornar uma pessoa negra, Deus revela que a negritude não é o que o mundo diz ser. A negritude é a manifestação do ser de Deus, pois revela nem na divindade nem na humanidade residem as definições brancas, mas sim a libertação do cativo (Cone, 2018, p.200).

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, Gedeon Freire de et al. *Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia 1911-2011*. [S.l.: s.n.], 2012.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus – 1911 a 2011*. 2ª ed. ampl. São Paulo: Editora Recriar, 2019.
- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. 2ª ed. São Paulo: Pólen, 2020.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 100–115, 2005. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i67p100-115. Disponível em: revistas.usp.br/revusp/article/view/13458. Acesso em: 6 mai. 2025.
- CONE, James Hal. *Deus dos oprimidos*. São Paulo: Editora Recriar, 2018.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.
- ERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afro diaspórico*. São Paulo: Editora Autêntica, 2018.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Editora Edufba, 2008.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. São Paulo: Editora Global, 2003.
- GÓIS SILVA, Wallace. *Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil e Unidade: cooperação e tensões com grupos cristãos nos documentos históricos e teológicos*. 2017. Disponível em: <https://www.academia.edu/26583573>. Acesso em: 6 mai. 2025
- GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Autêntica Editora, 2019.
- LATTA, Eden Reeder. Mais alvo que a neve. In: *Convenção geral das Assembleias de Deus no Brasil. Harpa Cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. Hino nº 39.
- LUI, Eduard Henry. O racismo e a fé batista. *Revista de Estudos da Religião*. São Paulo, n. 40, p. 144–168, 2021.



MARIANO, Leonardo da Conceição. *Alvo mais que a neve? os negros no pentecostalismo e sua relação com a cultura e religiosidade afro-brasileira*. São Paulo: Editora Recriar, 2019.

NASSAU, Rolando de. *Alvo mais que a neve: hino racista?* Hinologia Cristã, 2021. Disponível em: hinologia.org/alvo-mais-que-a-neve-hino-racista. Acesso em: 28 jun. 2025.

OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil: por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo?* Viçosa: Editora Ultimato, 2015.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. Editora Companhia das letras, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. Editora Companhia das Letras, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Racismo à brasileira*. Editora Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.

VELASQUES, R. G. *Protestantismo e cultura brasileira*. São Paulo: Paulinas, 1990.

VINGREN, G. *Diário do pioneiro Gunnar Vingren: relatos da implantação da Assembleia de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.